

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ACTIVIDADES CULTURAIS. CONFERÊNCIA. CONIMBRIGA, UMA CIDADE MORTA QUE REVIVE.

OLEIRO, João Manuel Bairrão

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

OLEIRO, João Manuel Bairrão, Actividades Culturais. Conferência. Conimbriga, uma cidade morta que revive. *Revista de Guimarães*, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 179-184.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

paio», contemporâneas do grande poeta e dramaturgo, a quem se atribuem igualmente excepcionais qualidades de artista ouriveseiro.

Vai pois aqui destacar-se, mais uma vez, a nobre e alta figura nacional que os Vimaranenses se obstinam em considerar filho desta terra de Guimarães. Encerraremos assim, com esta colaboração da ilustre Directora do Museu de Alberto Sampaio, o ciclo de conferências que nesta Casa se realizou de homenagem a Gil Vicente neste ano do Quinto Centenário do nascimento do genial comediógrafo, uma das quais ficámos devendo ao «Círculo de Arte e Recreio», instituição que, nesta cidade, tem desenvolvido notável actividade cultural, especialmente por parte da sua secção «Teatro de Ensaio Raul Brandão».

Senhora Dona Maria Emília: desnecessário se torna que eu pronuncie mais palavras nesta espécie de apresentação protocolar, afinal inútil quando a pessoa apresentada é suficientemente conhecida do auditório como neste caso acontece, pois a selecta assistência que aqui se encontra conhece bem Vossa Excelência, as suas distintas qualidades pessoais, a sua inteligência, o seu fino trato e a alta competência com que tem exercido o cargo de Directora do belo Museu da nossa terra, que também é sua, pois a escolheu como terra adoptiva, e onde todos desejamos que Vossa Excelência passe o resto da sua vida, que Deus permita seja longa e feliz.

CONFERÊNCIA

Em 27 de Novembro do ano transacto, realizou-se no Salão Nobre desta Sociedade uma Conferência sobre as ruínas de *Conimbriga*, que o Sr. Prof. Dr. João Manuel Bairrão Oleiro, Director do Museu Monográfico daquela notabilíssima estação arqueológica, pronunciou e illustrou com interessantes projecções de diapositivos coloridos, prendendo vivamente o interesse da numerosa e selecta assistência com a sua descrição e comentários acerca daquelas ruínas, subordinando o seu trabalho ao sugestivo título de «*Conimbriga, uma cidade morta que revive*».

Dignou-se assistir a esta sessão de estudo o Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito, que tomou a presidência ladeado pelo Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento.

Aberta a sessão, o Presidente da Sociedade pronunciou as seguintes palavras:

«Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito,
Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Gui-
marães,
Senhor Professor doutor Bairrão Oleiro,
Minhas Senhoras e meus Senhores

A aceitação por Sua Excelência o Senhor Governador Civil do convite que lhe apresentámos para presidir a esta sessão em que o Senhor Professor doutor Bairrão Oleiro nos vai descrever as ruínas da velha cidade lusitana de Conímbriga e os importantes trabalhos de investigação arqueológica e histórica ali realizados, tem para nós, além da honra que Vossa Excelência nos concedeu, que sinceramente lhe agradecemos, um significado muito especial: é que a presença amiga de Vossa Excelência representa para a Direcção desta Casa como que um acto de aprovação da mais alta entidade oficial do Distrito à orientação que sempre temos dado à vida social e política e às actividades culturais desta Instituição de tão prestigiosas tradições. E este facto nos dá a tranquila certeza de que continuamos a trilhar o bom caminho, e a dignificar a memória do glorioso patrono espiritual desta Sociedade.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Grande satisfação e honra temos hoje em receber, nesta Casa de «Martins Sarmento», o Professor doutor João Manuel Bairrão Oleiro, um dos mais ilustres arqueólogos da nova geração de cientistas portugueses, Director do Museu Monográfico de Conímbriga e do Museu Regional de Dom Lopo de Almeida, em Abrantes, Conservador-Ajudante do Museu «Machado de Castro», em Coimbra, Vogal da Junta Nacional de Educação, membro de prestigiosos institutos científicos nacionais e estrangeiros, bolseiro do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian, e possuidor de outros títulos académicos e honoríficos que constituem manifesta prova do merecimento que por todos têm sido reconhecido a este estudioso.

Há bastantes anos que convivo com o Professor Oleiro, não só como colegas que temos sido na Subsecção de Arqueologia da Junta Nacional de Educação, onde mensalmente nos avistamos, como nos temos encontrado frequentemente em vários congressos e noutras reuniões consagradas aos problemas da Arqueologia, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

Tem o Professor Oleiro colaborado com trabalhos modelares em numerosas Revistas da sua especialidade, inclusivamente na «Revista de Guimarães», órgão cultural desta Instituição. Temos por vezes trabalhado juntos, podendo citar, por exemplo, a redacção de um diploma que foi publicado no *Diário do Governo* pelo Ministério da Educação Nacional, regulando o funcionamento dos chamados «Campos de Trabalho de Arqueologia», nos quais os jovens escolares com marcada propensão e preparação para este ramo de estudos podem praticar, orientados por mestres competentes, no conhecimento e aplicação das técnicas modernas desta ordem de pesquisas científicas. Conheço pois muito de perto o alto valor deste estudioso e o muito que a Arqueologia Nacional já lhe deve.

Quase todos quantos em Portugal se dedicam, ou se dedicaram, aos estudos arqueológicos temos sido autodidactas: alguns, de altíssimo valor, atingiram a categoria de mestres, bastando, para exemplo, citar dois nomes — Francisco Martins Sarmento e José Leite de Vasconcelos; outros não têm passado de modestos amadores ou dilettantes. Ora Bairrão Oleiro não agrupa nesta última classe dos simples aficionados, porque teve uma sólida e metódica formação científica, como discípulo que foi em Espanha de Blas Taracena, Director do Museu Monográfico de Numância, do Dr. Garcia y Bellido, Professor de Arqueologia Romana e Director do Instituto Espanhol de Arqueologia, e do Professor Martin Almagro, Director do Instituto Espanhol de Pré-História, todos eles mestres insignes, que já tivemos a honra de receber nesta Casa de Martins Sarmento.

Com permanência de estudos nos grandes museus de Espanha, Itália e Grécia, e em museus do Iraque e do Egipto, com uma larga prática de direcção ou colaboração em escavações arqueológicas importantes, como na cidade greco-romana de Ampúrias, onde trabalhou sob a direcção do Professor italiano Nino Lamboglia — não é Bairrão Oleiro um simples teórico de gabinete, fundador da Revista de Arqueologia intititada «Conímbriga», uma das melhores publicações portuguesas da especialidade, porque é também um arqueólogo militante, que sabe fazer investigação ao ar livre, *in loco*, pelos mais modernos processos técnicos.

As ruínas de Conímbriga e o Museu Monográfico que ali guarda o abundante espólio sucessivamente recolhido nessa famosa estação arqueológica, podem, já hoje, considerar-se como constituindo uma verdadeira escola técnica de arqueólogos. As explorações que em Conímbriga vêm sendo praticadas sob a direcção do Professor Bairrão Oleiro, e recentemente nos dois últimos anos, com a colaboração do Professor catedrático de História Romana da Universidade de Bordéus, Doutor Robert Étienne (que já também nos deu a honra de visitar esta Sociedade e a Citânia de Briteiros) têm sido verdadeiramente notáveis, pelos modernos processos empregados e magníficos resultados obtidos. Ali têm ido aprender como se trabalha nestas delicadas pesquisas muitos estudantes portugueses e estrangeiros, designadamente franceses, nas duas mais recentes campanhas subsidiadas pela benemerente Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Governo francês sob o patrocínio da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Bordéus e da Comissão de Escavações do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês.

Por seu lado, nos laboratórios do Museu de Conímbriga, onde, em íntima colaboração com Oleiro, trabalham o arqueólogo doutor Mário de Castro Hipólito e os técnicos com a frequência da Universidade de Londres doutores Jorge de Alarcão e Dona Adília Moutinho de Alarcão, faz-se, mediante um equipamento laboratorial apropriado, o estudo minucioso dos materiais exumados nas sucessivas campanhas, o seu registo, desenhos, fotografias, análises, tratamento das peças, restauros, etc.

Conímbriga possui portanto o nosso mais moderno e melhor apetrechado Museu arqueológico, cujo edificio próprio foi inaugurado há três anos pelo Ministério das Obras Públicas, e dispõe de um pessoal técnico e director invulgarmente habilitado e apto.

Está portanto ali uma escola de Arqueologia, que honra o país e a Ciência portuguesa.

Embora já conhecida dos nossos humanistas do século XVI a rica estação arqueológica de Conímbriga, situada na proximidade da povoação de Condeixa-a-Velha, datam somente de há meio século as primeiras pesquisas ali realizadas pelo Professor António Augusto Gonçalves, sob o patrocínio do *Instituto* de Coimbra. É só muito mais recentemente as escavações em Conímbriga entraram então numa fase de maior e mais fecunda actividade, sob um método de rigorosa investigação e uma finalidade verdadeiramente científica, entregues à direcção do saudoso Professor da Universidade de Coimbra e insigne arqueólogo Dr. Vergílio Correia.

Falecido prematuramente este notável cientista, as escavações de Conímbriga vieram a encontrar, felizmente, o continuador de Vergílio Correia na pessoa do Professor Bairrão Oleiro. A este Professor se deve agora o grande incremento que as explorações ultimamente têm tomado, e também, sem dúvida alguma, aos seus esforços, dedicação e influência pessoais, a construção pelo Ministério das Obras Públicas do Museu Monográfico que tão proficientemente dirige.

É tempo de dar por findas as considerações que estou fazendo acerca da invulgar personalidade do Professor Bairrão Oleiro. Mas, antes de terminar, desejava ainda dirigir umas palavras mais ao distinto auditório que neste salão se encontra:

É que, após a sugestiva descrição, que vamos ter o gosto de ouvir do senhor Professor Bairrão Oleiro, acerca de uma das mais belas cidades da antiga Lusitânia, não devemos ficar com a impressão de que a nossa rústica Citânia de Briteiros afinal nada valerá, em confronto com as opulentas ruínas de Conímbriga! Em Conímbriga existiram, é certo, palácios, praças públicas, colonatas, um fórum, jardins com jogos de água, talvez um teatro e um anfiteatro, balneários, sistemas especiais de aquecimento dos edifícios segundo a técnica romana, formosíssimos mosaicos, etc., em suma — todo o conforto e civilização própria de uma cidade daquela época, que intensamente assimilou a cultura do Lácio. Pelo contrário, em Briteiros tudo é primitivo, rude, sóbrio e pobre, faltando ali totalmente aqueles requintes de comodidade que nos revela Conímbriga; as habitações da Citânia, são pequenas cabanas circulares ou quadrangulares, e os indígenas daquele humilde povoado que, há vinte séculos, as ocuparam não tinham outra defesa contra o frio intenso da invernia na montanha senão o fogo que ardia na lareira situada no meio da choupana, e o *sagum*, ou manto de lã grosseira com que cobriam o corpo, deitados no solo duro.

Mas esta pobreza rude é tão evocadora das nossas remotas origens como a grandiosidade urbana de Conímbriga. Na Citânia tudo pertence a um passado estruturalmente lusitano, das lutas viriatinas contra o invasor romano; apenas em alguns produtos de importação comercial, que timidamente ali chegaram, como os objectos de vidro ou a cerâmica fina chamada *terra sigillata*, e pouco mais, revelam influência estranha. Em Conímbriga a marca da assimilação total da cultura romana é evidente.

Este confronto visa apenas a acentuar que se a nossa Citânia nos mostra apenas um estado bárbaro, primitivo, da gente que há

milénios ocupou esta região nortenha do nosso país, esse quadro contudo é forte e sadio, porque nas ruínas de Briteiros vamos encontrar os mais velhos pergaminhos da nossa remota ascendência, e em mais acentuada pureza do que noutras populações fortemente romanizadas e mestiçadas. Mas, quaisquer que sejam essas antigas cidades, rudes ou civilizadas, todas elas nos oferecem seus aspectos típicos e originais, que por igual são importantes, como testemunhos materiais de períodos e fases evolutivas diversas da nossa mais antiga história.

Senhor Professor Bairrão Oleiro: Vossa Excelência é um homem novo, com uma sólida e bem actualizada formação científica. Temos, portanto, ainda, felizmente, muito a esperar da sua vida inteiramente dedicada ao culto da Ciência. A sua natural simplicidade, própria dos estudiosos de verdadeiro valor, não consegue esconder a excepcional competência do cientista, à qual já tanto devem, em renascimento, as majestosas e espectaculares ruínas proto-históricas dessa magnífica urbe, que há vinte séculos floresceu no local onde hoje só encontramos os seus destroços, a mostrarem-nos como todas as grandezas, erguidas com vaidade e orgulho pelo homem, são transitórias e efémeras.

Que Deus conserve a Vossa Excelência por muitos anos a energia, a actividade e o entusiasmo no trabalho que actualmente o animam, para que possamos ver, novamente inundada pela luz do sol, a totalidade dos monumentais restos da antiga cidade lusitana de Conímbriga, em toda a vasta área que ela outrora ocupou.

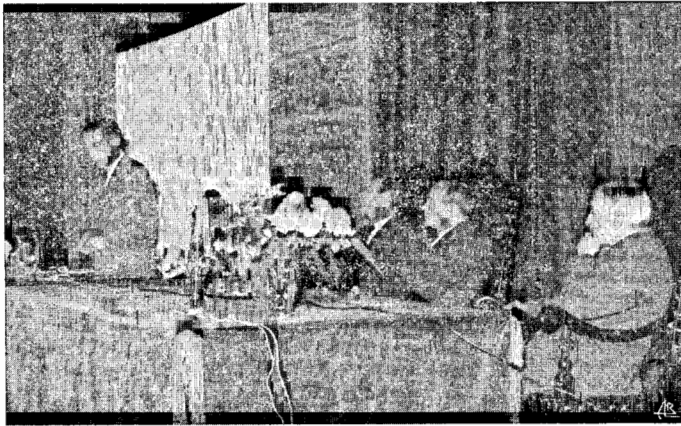
E não devo roubar mais tempo ao prazer que todos nós vamos ter em o ouvir.»

Seguidamente foi dada a palavra ao Ex.^{mo} Conferente que começou por esclarecer que não se propunha fazer propriamente uma conferência, mas antes apresentar uma visão esquemática dos conhecimentos actuais sobre Conímbriga, que fosse, simultâneamente, como uma espécie de introdução a uma visita às ruínas e ao Museu e, também, um esclarecimento sobre os planos de trabalhos em curso ou já efectuados.

Abordou primeiramente os problemas históricos: fundação, desenvolvimento, decadência e morte da cidade, entrando em linha de conta com as informações dadas pelos textos literários, pelos documentos arqueológicos e sugerindo algumas hipóteses relativamente a pontos mais obscuros ou menos documentados.

Em seguida ocupou-se da história das escavações, desde os últimos anos do século XIX até à actualidade, com especiais referências à actividade de Mestre António Augusto Gonçalves, do Doutor Vergílio Correia e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

A propósito dos trabalhos realizados a partir de 1955, salientou a importância da construção e entrada em funcionamento do Museu Monográfico e deu uma ideia da forma como este se encontra organizado e de como se pensa alargar a sua actividade. Referiu-se ao crescente interesse dos visitantes e sublinhou o que já se encontra realizado do programa de «revitalização» da estação arqueológica.



O Sr. Prof. Bairrão Oleiro pronunciando a sua Conferência.

Finalmente, fazendo uso de numerosos diapositivos, descreveu sumariamente as ruínas, ilustrou várias passagens da sua exposição e deu conta dos resultados mais importantes dos últimos trabalhos efectuados, incluindo as recentes escavações luso-francesas que, com o Prof. Robert Étienne, da Universidade de Bordéus, dirigiu em 1964 e 1965.

A encerrar a brilhante sessão, S.^a Exc.^a o Sr. Governador Civil teceu um rasgado elogio ao belo trabalho do Conferente, felicitando também a Direcção da Sociedade Martins Sarmiento pela feliz iniciativa tomada de promover a realização desta Conferência, tão notável como instrutiva para todos quantos tiveram o prazer de a escutar.